



Sobre “Conto de Escola”. de Machado de Assis

Marcus Soares*

Publicado na coletânea intitulada *Várias histórias*, em 1896, “Conto de Escola” poderia ser apenas mais uma narrativa cujo enfoque tratasse do conhecido tema da infância perdida. Afinal, a curta história do garoto Pilar, que, ao invés de brincar no Campo de Santana ou no Morro de São Diogo, vê-se envolvido numa trama escolar na qual descobre o valor da corrupção e da delação, poderia ser o mote para a consagrada dicotomia entre a maliciosa maturidade e a infância ingênua. Até certo ponto, não deixa de ser isso. Há, sem dúvida, a figura opressora do pai que, percebendo na infância somente o embrião do adulto capitalista, toma a escola como instrumento desse processo de formação. Em contrapartida, pela janela do prédio da rua do Costa, Pilar, arrependido de estar ali, contempla um papagaio de papel acima do Morro do Livramento como a imagem da liberdade preterida. A dicotomia desdobra-se na presença igualmente autoritária do professor Policarpo – como se a escola fosse extensão da casa –, na figura esquelética de Raimundo e na perfídia de Curvelo, estes últimos em contraponto aos habitantes do

espaço externo da rua, os “meninos vadios” ou, como diz o narrador com certa ironia, “a fina flor do bairro e do gênero humano”.

Contudo, nas mãos de Machado de Assis, esse mote torna-se o eixo sobre qual se desdobra uma série de questões que extrapola a estreiteza da dicotomia. Não se trata apenas de atribuir sinais positivo e negativo aos dois pólos. Por meio de uma poderosa capacidade de síntese, Machado estrutura o conto segundo as características de um texto reflexivo – procedimento literário que ele já vinha adotando desde *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, especificamente na narrativa curta, a partir de *Papéis Avulsos*. Em “Conto de Escola”, o gesto reflexivo pode ser percebido quando, ao se definir, o narrador demonstra não possuir a idoneidade necessária para emitir julgamentos: “não era um menino de virtudes”; e mais adiante: “não é que eu possuísse da virtude uma idéia própria de homem; não é também que não fosse fácil empregar uma ou outra mentira de criança”. Isento da prerrogativa edificante do julgamento, o narrador machadiano afasta-se de certos modelos judicativos das narrativas romântica e naturalista.

* Professor de Literatura Brasileira da UERJ. E-mail: soaresmarcus@hotmail.com.



Entretanto, não significa dizer que o personagem tivesse somente o sinal negativo do caráter duvidoso. Como qualquer criança, Pilar busca diversão. Mesmo na escola, no ócio que se segue às tarefas facilmente superadas, Pilar desenha, faz caricaturas, “ocupação sem nobreza, nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua”. O narrador traz em si ambos os tracos, dissipando assim a dicotomia, não só porque percebe que não há um abismo entre as duas fases da formação humana, como também reconhece a contradição no próprio indivíduo. Ou seja, a infância não se distingue da maturidade pela presença ou ausência do traço ingênuo, já que a contradição é inerente ao ser humano (não seria demais recordar aqui outro conto clássico de Machado, “A Iereia do Diabo”).

Há muito de Raimundo, Curvelo, do próprio Policarpo e, com certeza do pai, em Pilar.

Lembremos que o narrador não abandona, mesmo depois da violenta sova, a intenção de possuir a moeda: inclusive, no dia seguinte, é o que o move na direção da escola, ao contrário do que ocorrera no início do conto, quando esta mal aparecia como possibilidade de escolha. Mas, ao mesmo tempo em que sua ambição o conduz à rua do Costa, o seu ímpeto lúdico segue o “diabo do tambor”, passa pela Saúde e termina na praia da Gamboa. É da contradição que o narrador elabora a sua reflexão, podemos dizer mesmo a sua pedagogia, buscando o conhecimento da própria dimensão humana. Se, por um lado, no início, ele se encontrava arrependido de ter ido à escola, por outro, ao final, sem “ressentimento na alma”, reconhece o saldo positivo advindo de tanta negatividade: afinal, onde mais ele teria aprendido o valor da corrupção e da delação? Talvez o seu pai tivesse razão ao querer que ele fosse à escola.